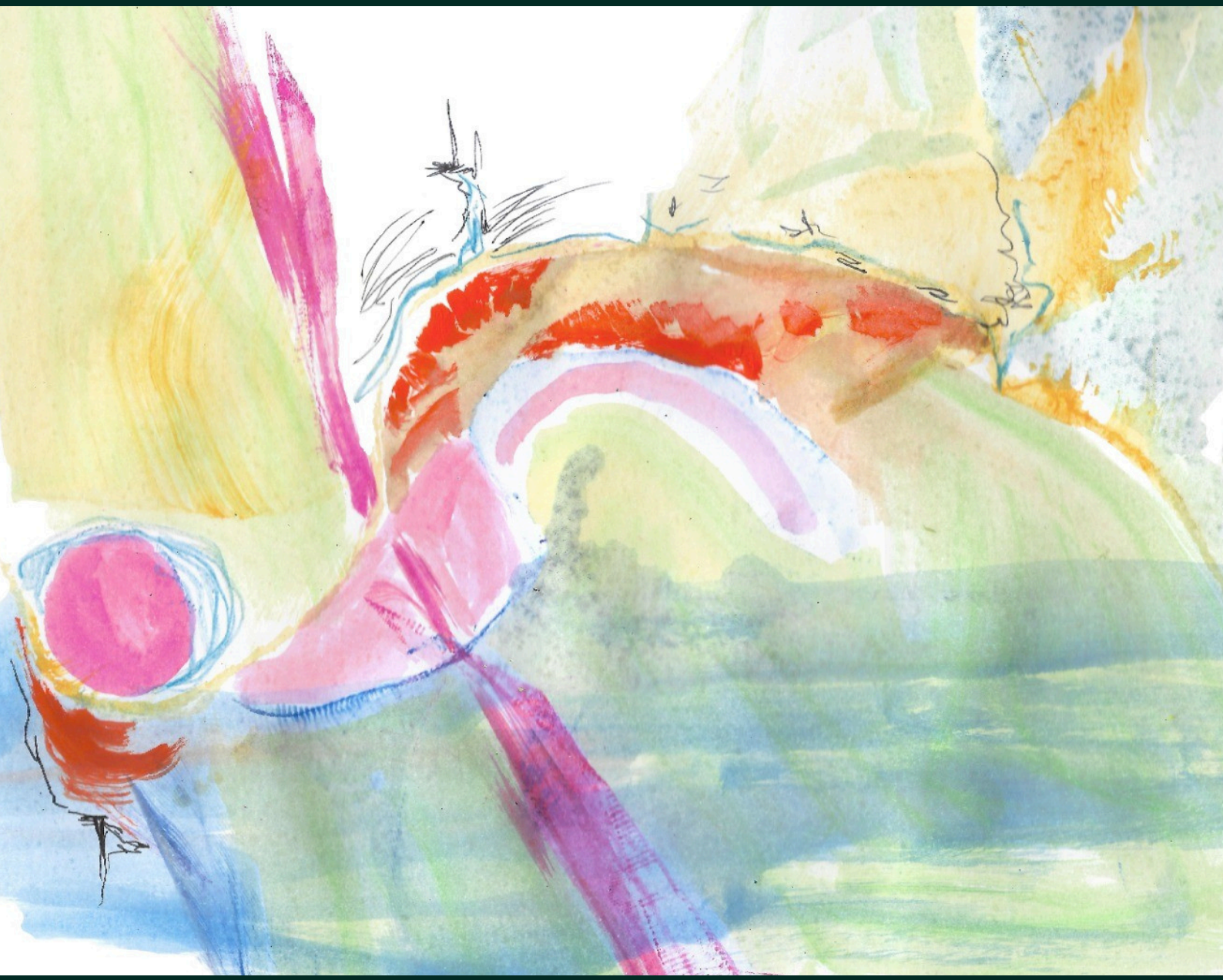
Histórias Especiais

Coletânea de Crônicas

Volume IV



Organizador
Luciano Candemil

Organização © Luciano Candemil
Ilustração de capa © Silvia Teske

Versão audiolivro:
https://soundcloud.com/livroapaebc
Versão Libras:
www.youtube.com - Apae Balneário Camboriú

Diagramação: Lieza Neves
Produção: Casulo21

Proibida a cópia impressa ou distribuição digital deste material com fins comerciais

Projeto patrocinado por meio do EDITAL LIC/FCBC 013/2023

Lei de Incentivo à Cultura 2024 LIC

PREFEITURA BALNEÁRIO CAMBORIÚ

Sumário

	LEIA AQUI	OUÇA AQUI
Agradecimentos	03	
Apresentação	04	
No Risco	07	
Um menino triste que se tornou feliz	12	
Felicidade é ir pra escola	17	
Sementinha de Amor	22	
Matheus e Simone Amor	27	
A história de Carlota	32	
Sobre o projeto	37	

Agradecimentos

Por Margid Rinnert Buckstegge

Gostaria de expressar a minha gratidão enquanto Presidente da APAE de Balneário Camboriú pela continuidade do excelente trabalho do professor Luciano Candemil e de todos os envolvidos, de proporcionar aos alunos da APAE, familiares, professores, funcionários e toda comunidade escolar esta oportunidade e participação neste momento tão especial que estamos vivenciando outra vez. Tenho certeza que esta parceria já somou e irá somar ainda mais para o desenvolvimento de todos.

Obrigada pela dedicação da equipe, obrigada Fundação Cultural de Balneário Camboriú por mais uma vez acreditar no trabalho da nossa APAE.

Apresentação

Por Luciano Candemil

A quarta edição do livro Histórias Especiais: coletânea de crônicas oferece novamente ao leitor e à leitora o resultado de um ciclo de formação criativa que aflorou conteúdo literário e artístico produzido por pessoas com deficiência. Financiado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura (LIC 2024) da Fundação Cultural de Balneário Camboriú, o projeto envolveu artistas de diferentes linguagens, alunos da APAE, familiares, professores, funcionários, ou seja, toda a comunidade escolar. Mantendo os mesmos princípios das edições anteriores, tem como proposta evidenciar o(a) aluno(a) com deficiência como protagonista da produção cultural local.

As novas seis histórias contadas pelos alunos artistas e ilustradas por seus colegas da escola são apresentadas em três formatos: livro digital, audiolivro e vídeo com tradução em Libras. Estas narrativas autorais expressam por meio da palavra escrita, falada, de sinais e gestos, algumas experiências de vida, fatos do cotidiano, relatos sobre seus sentimentos, preocupações, prazeres, amizades, amores e sobre política. Por se tratar da quarta edição, esta obra continua retratando a evolução dos alunos decorrente das atividades desenvolvidas ao longo dos últimos anos. Visando fazer parte da comemoração do 60º aniversário de Balneário Camboriú, a

presente produção oferece um recorte temático contemplando pontos de vista e aspectos relacionados à história, cultura e paisagem da cidade, sem deixar de manter uma postura crítica e reflexiva, atenta às questões sociais.

Nesta trajetória, a arte, cultura e educação se fizeram presentes. Ao longo do ano de 2024 foram realizadas oficinas de contação de histórias, de artes visuais, rodas de conversa, oficinas de sonoplastia e trilha sonora, visando o aperfeiçoamento técnico, além de exposições das ilustrações. Num processo de mediação artística e de sensibilização, as histórias contadas pelos alunos artistas foram registradas, transcritas e publicadas em arquivos de texto, áudio e vídeo. Além disso, por meio do desenvolvimento da sensibilidade, outros alunos expressaram seus sentimentos através das artes visuais para ilustrar as histórias que compõem esta quarta publicação.

Com este livro tão especial, a APAE de Balneário Camboriú mostra que permanece inovando as suas ações, contribuindo para garantir o direito das pessoas com deficiência, incluindo desta vez, a divulgação dos fazeres artísticos. De um jeito singular, afetivo, leve, descontraído e emocionante, os queridos alunos e alunas artistas expõem ao mundo a capacidade de transformação da arte, ao mesmo tempo em que nos ajudam a refletir sobre nossa responsabilidade social. Desse modo, cabe ressaltar a importância de projetos e de editais dessa natureza ao viabilizarem que pessoas

com deficiência sejam vistas também como artistas, como pessoas que propõem arte e não só receptores de produtos culturais.

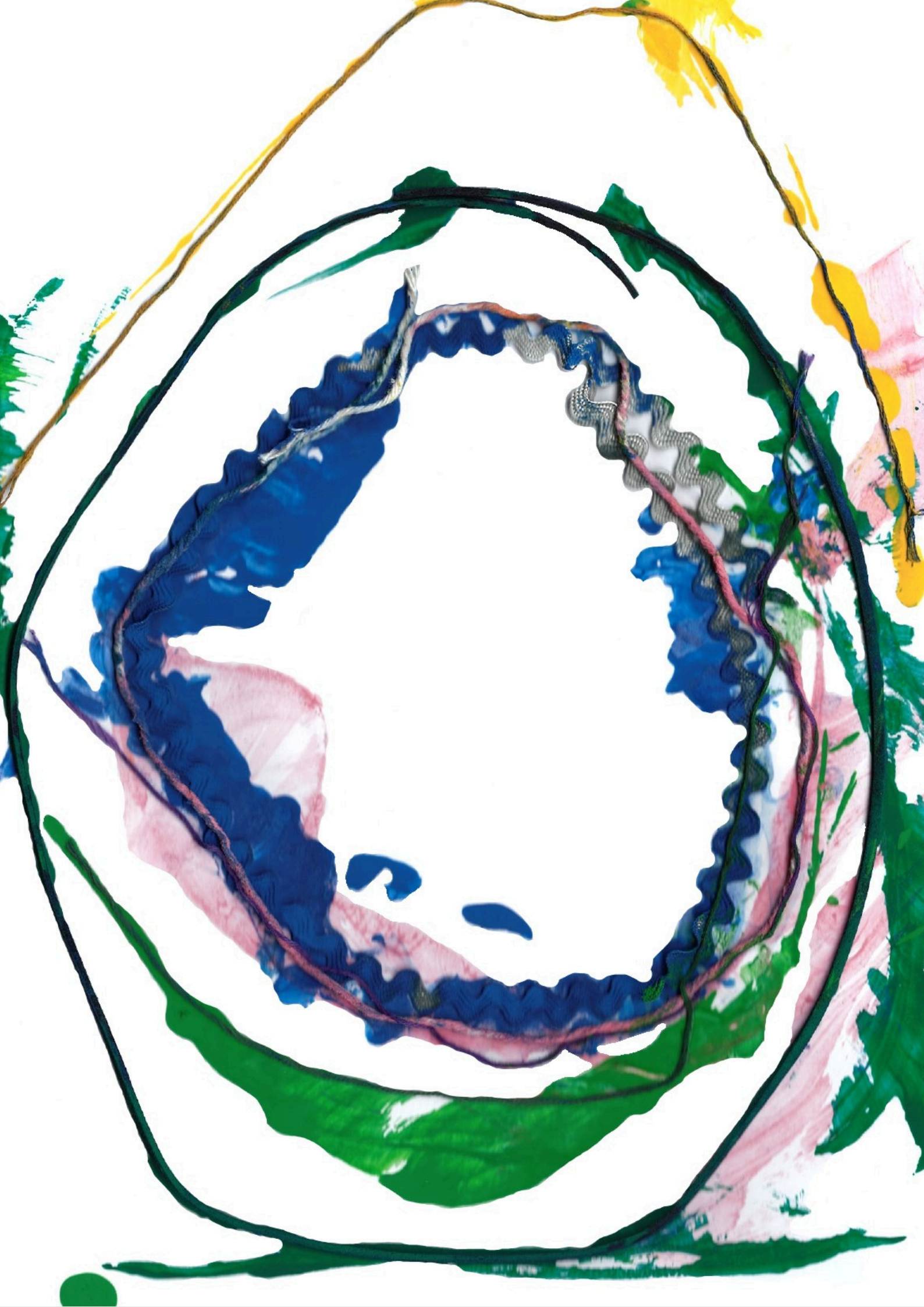
No Risco

Por Evandro dos Santos Brizola

A minha vida é outra agora, não é mais a mesma. Lá em Carazinho eu não fazia nada. Ficava só deitado no sofá e na cama. E aqui, em Balneário Camboriú, faço muitas coisas. Venho para a APAE onde me encontro com meus colegas. Damos risada, fazemos lanche no refeitório, vamos para a sala e estudamos, fazemos desenho com lápis, giz de cera, pinturas, vamos na quadra, na fanfarra ... e eu ? Toco caixa! Pensa? Como me alivia!

Em Balneário Camboriú fui ao circo pela primeira vez. O circo do Marcos Frota. Vi palhaços, Patati e Patatá, uma mulher pendurada pelo cabelo... ai, dá um gelo! O atirador de facas, muito perigoso, misericórdia! Malabaristas com bolinhas vermelhas e o cospe fogo? Com uns pauzinhos de fogo ele bota um pouquinho de álcool na boca e cospe aquelas labaredas! Muito legal! E as motos? Naquela altura, pensei que iam cair!

Também vamos ao cinema, no shopping. Balneário Camboriú tem vários shoppings, eu gosto de ver filmes da Vovó...Zona e do Jackie Chan. Também passeio com minha cunhada Daiane. Vamos ao centro e tomamos sorvete. Lá tem um monte de coisas bonitas, lojas de roupas e lanches: refri, cachorro quente, pastel, doce... hum! Eu fico bem animado!



Nessa época, na praia não dá para ir pois está muito frio, mas minha casa é bem perto, dá para ver o mar, e o serviço da minha cunhada é bem pertinho também. Vamos na praia com toda a família, ninguém fica para trás. Levamos cadeira, térmica, cuia e erva para tomar chimarrão. E ficamos lá conversando, comendo pipoca e tomando mate. Às vezes vamos em outras praias, Praia do Mariscal, Praia de Itapema, Praia Central e também para a Serra do Rio do Rastro.

Minha cunhada diz para eu andar sozinho também. Ela acredita em mim, acha que não tem problema. Mas, ai, ai, ai... no risco né... o chão da rua entorta os aros da cadeira. Qualquer “estralinho”, faz tlec, tlec, tlec, e ainda tem um parafusinho que é meio solto e desencaixa, quando isso acontece a cadeira não anda e entorta a roda. Ainda bem que o pai da minha cunhada arrumou o parafuso.

Na rua também tem os quebra-molas, as rampas, degraus, escadas... Já começa na saída do meu prédio, a rampa é muito alta e preciso de ajuda. Depois tem uma parede áspera onde sempre raspo a minha mão, que já está toda machucada. E, ainda tem os carros. A gente fica com medo de ser atropelado, precisa andar bem devagarinho senão eles te juntam. Não param!

Seria um sonho uma rua toda “plaininha”, nada de quebra-mola e nenhum movimento de carro. Assim eu poderia ir na farmácia, no mercado, na padaria, no postinho também, sozinho, para não depender só da minha cunhada Daiane.

Ela faz comida, curativo, dá banho, atende eu e meu irmão, come correndo para ir pro serviço, faz tudo ligeiro. Ela é boa demais, não tem nada de ruim com ela. Ela faz tudo! Todo dia! E parece calma, não reclama, não briga, nunca batemos boca eu e ela. Mas, eu a vejo nervosa, vejo ela chorando.

Eu fiz uma surpresa no aniversário dela, ela ficou feliz, feliz, feliz, feliz, que tá louco! Quero ver ela alegre, dando risada, e não chorando. Queria que ela tomasse um remédio que ajudasse. Mas eu gostaria mesmo é de dar um presente para ela, uma calça, uma blusa, mas eu teria que ir sozinho comprar... no risco.

✨ FIM ✨



Um menino triste que se tornou feliz

Por Manoel Bonzon dos Santos

Em primeiro lugar sou Manoel Bonzon dos Santos, tenho 58 anos, moro na cidade de Balneário Camboriú, e eu tenho uma história muito feliz. Mas, quando eu era pequeno minha história foi triste. Eu não conheci minha mãe biológica. Tive bastante irmãos, meu pai ficou doente e foi para a Colônia. Não pode sustentar os filhos e deu um filho para cada família. E eu ganhei uma família boa que me deu educação.

Ao meu novo pai agradeço quem sou hoje. Mas, como ele era muito enérgico e eu muito levado, ganhava castigo. Tinha um caderno pequeno de espiral, que eu passava às vezes o final de semana todo escrevendo: Não devo incomodar as professoras!

Uma vez me perdi na praia. Quando eu estava ali no Marambaia passou um Opala amarelo, 4 portas, com duas moças bonitas. Me viram chorando e acabaram me levando até em casa. Eu soube explicar direitinho! Na época eu morava na rua 400, que agora é a Alvin Bauer. Quando cheguei em casa, levei uma surra.

Minha mãe era muito querida, eu era o dodói dela. Se tu brigasses comigo ela brigava contigo me defendendo. Hoje eu sinto a falta dela, ela me ensinou muitas coisas boas. Dizia: “eu não quero que tu beba!”. A preocupação dela era eu, dela me deixar.



Ela faleceu no dia 28 de maio de 1993 e meu pai no dia 28 de maio de 1985. Ela disse que iria morrer no mesmo dia que meu pai. Falou: “Vai vir o show do Roberto Carlos no dia 28 e eu vou deixar vocês no dia 28 de maio igual o teu pai”. Dito e feito, ela ficou doente, teve derrame e se foi.

Minha infância foi muito boa. Corria Balneário todinha! Ia na praia todo dia. Levava uma sacolinha e catava peixinho, peixe comprido espada, peixinhos pequenininhos... Minha avó fritava tudo e nós comia torradinho. Não tem o berbigão? Nós juntava e fazia um vinagrete da carninha, eu ficava muito feliz, esse alimento é muito gostoso.

Eu me rolava na areia. Uma vez peguei uma micose braba, uma impinge e já tive até furúnculo. Tinha uma pasta amarela chamada couro de cobra, e eu passava ali para puxar e espremer para tirar o carnegão.

Na minha rua mais na frente tinha um engenho de farinha. Eu brincava com a filha do dono, ele descascava a mandioca na mão, botava pra moer, colocava tudo num gamelão e depois a farinha num saco. A gente brincava de se esconder, subia em cima dos sacos e eles furavam, e nós voltava tudo branco pra casa.

Já rapaz eu ia na Moby Dick. Morava na Central, de noite ia a pé pra discoteca. Comprava aquela gin tônica e quando não demorava muito, lá pra trás vinha a briga. Eu era o primeiro da porta! Oh, ia embora! Nunca apanhei! Sempre fugia antes!



Perto da minha casa tinha o Fantástico. Quando começava a brigar lá pra trás, que eu via cadeira rolando e aquele monte de gente, eu era o primeiro da porta, carcava, ia embora, nunca apanhei!

Sou muito feliz, tranquilo e educado. Não tenho vício nenhum, não fumo, não bebo, sou saudável. Tive uma educação muito boa. Hoje, o que eu sou, agradeço à família que me criou. Sinto falta de todos que se foram. Mas essa história termina assim, feliz!

FIM

Felicidade é ir pra escola

Por Priscilla Telck

Felicidade é ir para a escola! E minha escola é a APAE de Balneário Camboriú, que tem tudo! Piscina, fanfarra, passeios, livros, surdos, cegos, mudos e tradutores em Libras. Eu moro no Bairro da Barra e meu bairro é muito bom, cara! Tem tudo! Lanchonete, artesanato, lojas... Só faltava um PA* maior e ontem inaugurou. Até o Prefeito Fabrício foi lá! É pertinho da casa da Rose e lá é grande igual a um campo de futebol. Tudo novinho.

Mas o aluguel tá caro. Tem que pagar “20 mil” para minha vizinha. E ainda tem que fazer mercado. Comprar batata, lasanha, pastel. Eu gosto de tudo, de chips, burguer... Besteirada eu gosto! Feijoada, língua, bucho, rabada... Salada de tomate também. Mas não consigo cortar, vai que corto meu dedo!

- Faca é perigoso!

Hoje tomei duas sopas na APAE, a sopa aqui é muito boa. Sopa de batata com carne. Gosto de tudo na APAE. Eu adoro fazer piscina. É térmica, quentinha.

E gosto da fanfarra! Eu toco o surdo sabe? Tem as baquetas, eu faço: “Pega pra casar Ziza, pega pra casar Ziza”, “Pega o tatu, pega o tatu, pega o tatu quero ver o tatu”, “Toma limonada, toma limonada, toma com limão de madrugada”.



Agora lá na escola, a mais linda é a Ziza. Claro, né! A altinha!

- Xiiiiiiiii! Não chama ela de baixinha não! Ela detesta! Fica brava! Fica pimentinha, cara!

Todo mundo tem ciúme dela. Claro. né! Eu gosto muito da Ziza. Ela é muito legal pra mim, me dá coisas para eu levar pra casa. Cesta básica, batatinha frita... E, eu tenho Air Fryer. Aí fica fácil. Pois não posso mexer no fogão. As crianças... eu vi na televisão... se queimaram tudo na banha frita.

- O gás é perigoso!

Na Air Fryer eu coloco batata frita, abacaxi, carne moída, porco, linguicinha... Tudo! Fica prontinho pra comer. Uma delícia, cara! Por isso o Val está gordinho. Ele não usa Air Fryer! E também, come muito sal.

- Sal é perigoso!

Lá perto da minha casa só tem mansão. Eles têm muito dinheiro. É só pra rico. Da janela da minha casa eu vejo todo dia o helicóptero do Neymar passar: “Trum, trum, Vrum, Vrum, Vruuuuuuuuuuuuuum”.

Ele é rico, rico, rico, tem dinheiro. De lá de cima da Passarela da Barra eu vejo os barcos. Mas, no bairro dele, o pastel de camarão é caro. A tainha tá caro também.

- 20 reais a tainha!

Da minha janela ouço também os carros passando fazendo racha: “Vrummmm” e bate “Bummmmm. Tá, Tá, Tá, Tá, Thaaaa, Bam Bam Bam Bam Bam Bam Bowm”.



Eles têm um negócio na marcha, igual ao filme dos Velozes e Furiosos. Não pode. A polícia pega. Racha e droga. A polícia pega os ricos também, filhinho de papai. Só frescura. A escola deles é particular, a gente é pública aqui. “Aaaaaí, com licença... Bla Bla, Bla! Nhem, Nhem, Nhem”.

Jogam comida fora. No lixo tem pedaço de carne grande assim! Televisão grande, tá lá no lixo. Móveis grandes, o sofá dos ricos, tá lá no lixo. Tem bicicleta, patinete, brinquedo, tênis bom de marca, armário grande. Deveriam mandar lá pro Rio Grande do Sul. Eu e minha mãe pegamos um armário, limpamos e mandamos para lá. Está complicado, não tem mais móveis nem nas lojas.

- Chuva, chuva, chuva, chuva!

O Rio Grande do Sul está lá debaixo d’água! Tudo lá! Eles estão morando nos carros. Dias sem tomar banho. Sem aula. Eu fico indignada com isso. Gosto de ajudar. Claro, sonho em ser bombeira. Ajudar as pessoas, apagar incêndios. Os bombeiros, eu vejo eles almoçando bem ali, sabia? A roupa deles é linda, cara! E eles são lindos também! Uhm, naquela roupa azul marinho...

- Ai, ai, ai, ui, ui, ui, são fortões!

Mas, o que eu quero mesmo é andar naquele carro!

- Weee-ooon, Weee-ooon, Weee-ooon.

** PA = unidade de pronto atendimento*

FIM

Sementinha de Amor

Por Carolina Bertoline

“Sementinha de amor, que com tanta luz, foi plantada na terra pelo Mestre Jesus. Sementinha de Amor, que com tanta luz, foi plantada na terra pelo Mestre Jesus”. Quando termina de cantar, Carol junta as palmas das mãos na frente do peito, abaixa a cabeça em forma de agradecimento e depois abre os braços e mexe os dedinhos como se estivesse espalhando amor no ar.

- Carol, o que você está fazendo quando junta as mãos assim?
- Prece.
- Para quem você reza, Carol?
- Planeta Terra.
- E, quem cuida do planeta?
- Jesus.
- E, quem cuida do universo?
- Deus, nosso Pai.

Carol, a vigilante, tem os olhos brilhantes arregalados, um sorriso frequente e uma gentileza a emanar, que se espalha cobrindo a distância que ela mantém existindo entre o rio e o mar. Ela não gosta da água salgada que arde os olhos e a faz chorar. Mergulha em lugares seguros e principalmente na piscina onde pode nadar com seus óculos que não deixam a água entrar. Nada, nada, sem parar.

Duas horas por dia, desde pequena, sem pressa e sem pausar.

Pequena ainda era quando vivia em BH. Andava de carrossel e trenzinho de lagarta!

- Que seja rápido! Tomara que sim!

Carol gosta de velocidade e não tem medo do trenzinho lagarta e muito menos do trem fantasma. A mãe fica escondida e espera ela no final para dar aquele último susto fatal.

- Uhuhuhuhu! Que susto! – e as duas dão muitas risadas que flutuam como bolas de sabão espalhando alegria na multidão.

Agora o carrinho bate-bate é o seu predileto!

- Vrum, vrum, pá, pá, vrum, pá, vrum, vrum, vrum, pá, pá, pá.

Ela adora caminhar. Caminhava na Lagoa da Pampulha, que às vezes tinha cheiro de pum e via as capivaras a nadar. Hoje morando em BC já grande como está, caminha na Estrada da Rainha olhando para o mar. Num ritmo firme e preciso, sem parar. Sente pesada a caminhada mas só pára quando chega ao cume. Tem muitos compromissos, não pode se atrasar.

Em casa, para o vovô, faz algumas coisas. Isto e aquilo. Ela coloca a bengala no lugar. Põe a bengala aqui, põe a bengala lá. No cantinho, fica bem “facinho” pro avô pegar. Busca para ele banana, palito de dente, garrafinha d’água, batatinha, remédio, chá. Chá?

- Eu adoro! Eu que vou querer!

Carol adora tomar chá. Chá de abacaxi, chá mate, chá de camomila e de erva doce. A sua saúde é boa.



Carol é vigilante até quando dorme, tudo que se passa ao redor ela percebe. Ela tem um relógio interno preciso e catedral. Acorda às 5 horas sozinha todos os dias, faça chuva ou faça sol. Faz o café para todos, põe a mesa e espera pelos ovos que só o seu pai sabe fazer.

- Levanta, levanta! Vamos tomar café! Vamos! Levanta vô!

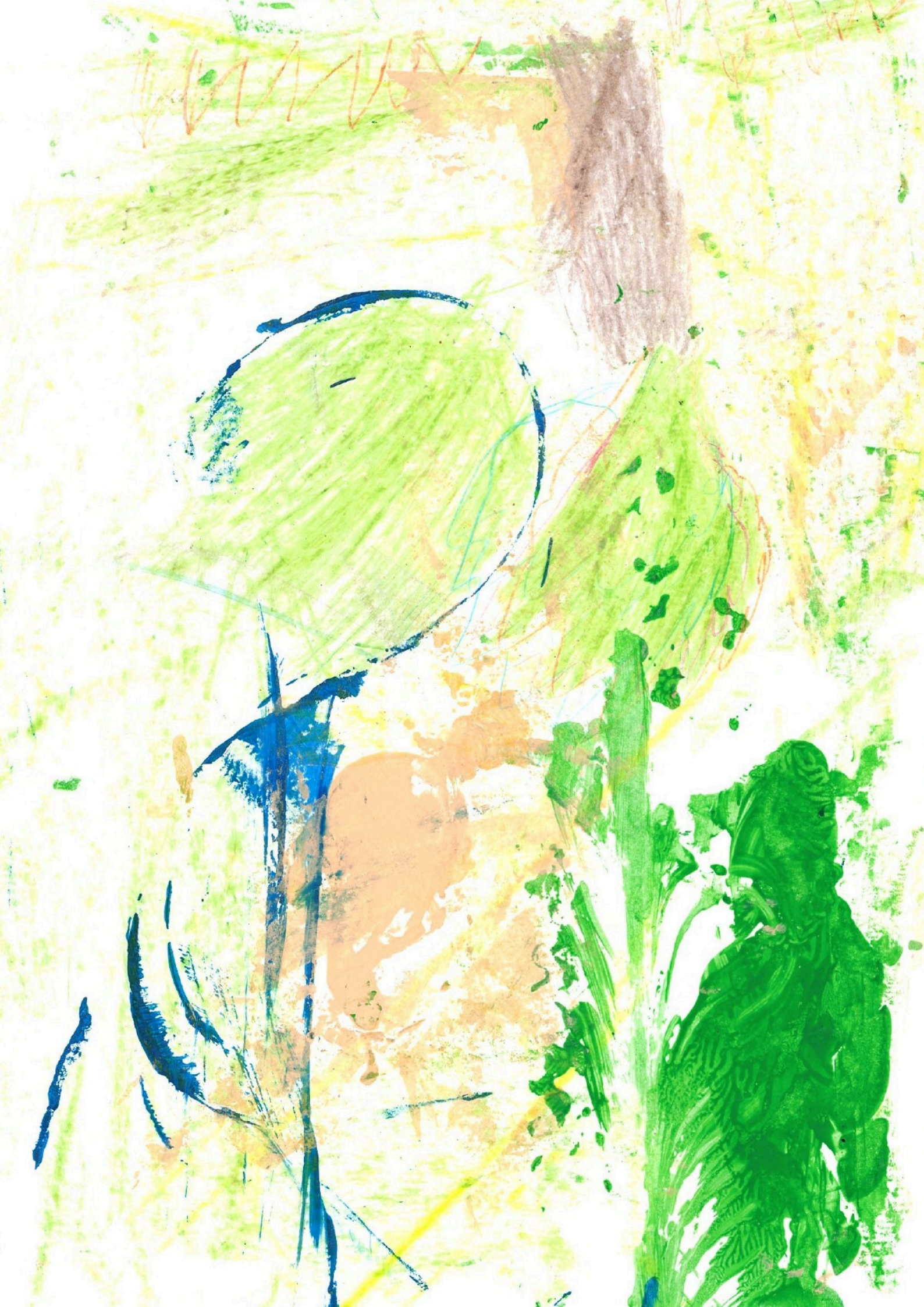
Os ovos mexidos são cremosos, com tomates, cebola, presunto e pouco sal. Para não fazer mal.

- Humm, nossa ! Ô, que delícia!

Mas Carol tem muitos compromissos, vai para escola na APAE de manhã, de tarde faz natação e fim de tarde sua doação. Canta e toca piano. Hoje melhor que antes. A música sempre foi sua companhia. Ensina então o que sabe para as crianças no centro espírita. E não sai sem tomar seu passe e fazer a sua canção.

- Adoro ir lá!

No centro espírita ela se sente em casa, faz sua prece e canta em forma de oração: “Sementinha de amor, que com tanta luz, foi plantada na terra pelo Mestre Jesus. Sementinha de amor, que com tanta luz, foi plantada na terra pelo Mestre Jesus”.



Matheus e Simone Amor

Por Matheus Muniz de Oliveira

Amor, Amor, Simone Amor, Amor, Amor, Amor, Amor, Amor. Simone, meu verdadeiro amor. Namoro desde os 11 anos, sempre teve anel de namoro. Sempre teve conversa, dança, pipoca, quentão, pinhão, leitura, conversa, conversa, muita conversa e carinho.

Conheci Simone no Baile Barroso em Itajaí. Na dança gaúcha – o Baitaca – Do fundo da Grota. Essa é a boooa! Assim, como na dança, o namoro está bem, em paz e alegria. Assim, como na família. No Morro da Pedra Branca, bairro Nova Esperança, em Balneário Camboriú, vivemos felizes. Eu com minha mãe Salete, meus irmãos Paulo, Ana e Kamili. Amo e estou em harmonia também com os que já se foram. Sim! Meu pai, minhas duas avós e meu avô. Eles são quatro estrelas no céu a me amar e estão muito bem.

Na APAE de Itajaí entrei pequenininho e saí com 13 anos depois de um acontecimento. Eu era muito curioso quando menino, e às vezes pegava o *tablet* que monitorava as câmeras das salas, e ficava olhando. E, foi então, certa vez, enquanto eu observava os vídeos, que de repente vi um amigo nosso entrar na nossa sala, abrir a minha bolsa e a da professora e pegar dinheiro. Eram notas de 10, 20, 100, 50, 5 e 2 reais. Eram muitas notas!

Fiquei pensando o que fazer, afinal tinha pego o *tablet* escondido e vigiava as salas. Errado eu também estava. Mas, não podia ficar quieto, eu realmente precisava tomar uma atitude, fazer alguma coisa.

Foi então que percebi que o meu amigo, depois do roubo, guardou as notas no bolso e se preparou para sair da sala. Enquanto ele saía, chamei a professora, peguei o telefone e chamei a polícia. Quando ele passou por mim, segurei ele forte pelo braço e disse: “Entregue o dinheiro que você pegou na minha mão agora! O meu dinheiro e o da professora! A polícia já está na sua casa, não tem como escapar”.

Deu tudo certo. Mas, depois disso, acabei saindo da APAE de Itajaí e fui para a APAE de Camboriú e enfim para a APAE de Balneário Camboriú, onde estou até hoje.

Amo meus amigos e colegas da APAE. Minhas colegas de sala, Michele, Vera Melo, Jorgianne e minha amiga Marianne. Amo tudo na APAE de Balneário Camboriú! Adoro os esportes: natação, arte, futebol, vôlei, basquete. No arremesso de peso, jogo longe, disco, dado, e na corrida de 100 metros ganho medalhas.

Nós, os amigos, gostamos de conversar e tocamos juntos. No tambor fuzil, eu, Gabriel, Renan e James somos perfeitos. E o professor Luciano é o nosso amigo do peito. A gente ensaia bastante na Fanfarra para marchar na rua no desfile de 7 de Setembro. Já desfilei 7 vezes, tudo numa boa.



Gasto muita energia. Sou homem. Então preciso comer bastante. Pastel, pizza, coquinha 2 litros, batata frita com queijo, coxinha, peixe, carne, alface, pão... Nada de arroz, feijão e macarrão! Isso eu não como não!

Amo tantas coisas! Amo tudo o que tenho e faço, mas, me falta um sonho a realizar. E um dia isso vai acontecer. Eu tenho certeza. “Matheus, Matheus, Matheus, como eu amo você”, ouvir assim, da minha amada. Conversando, lendo, comendo pipoca, pinhão, quentão. Assim sonho em ouvir meu nome, bem de perto e de longe também. Ouvir assim da mulher que mais amo, Simone! Esse é o meu sonho de amor. E, é só isso e ponto.

✨ FIM ✨



A história de Carlota

Por Ana Carla Demetrio dos Santos

Carlota sapeca, menina arteira, uma pressa de viver! Os médicos erraram e deu problema ao nascer. Faltou oxigênio, nasceu de 7 meses e meio, 900 gramas, com paralisia cerebral. E pensam que ela ficou mal? Medo no começo deu. Mas todo mundo sobreviveu. E agora eu vou contar.

Feliz, irritada e explosiva. Tudo ao mesmo tempo. Na cadeira de rodas ela foi crescendo, nunca andou, nunca ficou de pé. Na cadeira ela quer correr. E está acostumada a fazer. Carlota é animada e tem pressa, mas precisa esperar alguém que venha a sua cadeira empurrar. Certa vez, quando o tio muito demorou, ainda pequena, ela desceu sozinha a ribanceira e caiu no meio do terreiro. O tio tinha ido cuidar do avô e ela ficou deitada no chão rindo sozinha até ele aparecer. Carlota cresceu nos sítios dos avós. Cresceu vendo jacaré, boi, vaca, bezerrinhos, cabra, tucano e tatu. O quê? Tatu não! Ela morre de medo de tatu!

O inverno para ela é que nem colo de mãe: “adoro”. No verão passa mal. A pressão tanto sobe quanto desce, a comida quando entra cai mal, mas já foi pior. Aos 6 anos de idade tinha alergia a tudo! Arroz doce, bolo, leite de caixinha, mosquito, dipirona, pernilongo, de tudo que era tipo de creme e até de dor de ouvido.



Era uma agonia. Ficava com o corpo todo cheio de “pipoquinha” e muita coceira. O seu Juca, avô de Carlota, que tinha conhecimento ancestral lhe fez um tratamento terapêutico indígena e ela ficou legal.

Mas a primeira sessão foi um acontecimento de tirar o fôlego. Dentro do bucho de uma vaca morta ela ficou. Durante todo o dia. A vaca branquinha foi o seu Juca que matou e o ritual foi preparado. Nadando em suas tripas quentinhas e com cheiro de bosta no ar, Carlota ficou durante todo o dia nesse lugar feito para curar. Ela imaginava que estava numa piscina a brincar. Ela sentia o corpo sendo abraçado e curado lentamente. Quando saiu no final da tarde, aliviada ficou. Após a segunda sessão do tratamento devagarzinho ela foi sarando e hoje até dipirona pode tomar, só bolo mesmo que ela não gosta e não faz questão de provar.

No Mato Grosso, em Paranaíta, ela saía de casa na sua cadeirinha e ia para o terreiro sozinha brincar de casinha. Descia da cadeira e ia para o chão de terra onde fazia arte com suas panelinhas e as colheres de pau da mamãe. Folhas, barro, água, frutinhas e sementinhas que viraram feijão na sua linda imaginação. Era todo dia!

Dava susto na mamãe, na vovó, no vovô, no pai e nos tios. Fazia de conta que estava machucada, pedia por socorro, dizia que estava doendo, e todos sempre caiam! E, ajudava na cozinha da vovó escolhendo feijão.


COLO DE MÃE
VACA
INDÍGENA
TIO
SÍTIO
FOLHAS
EXPLOSIVA

Hoje, Carlota é uma mulher mais independente da mãe ou do pai, mas às vezes a mamãe não entende e tem medo de deixá-la fazer tudo sozinha, do jeito dela. Mas, na verdade é Carlota que cuida da mãe. Quando a mãe deixa o fogão ligado, quem desliga? Carlota! Quando a mãe deixa uma panela elétrica, um liquidificador, um celular na tomada, quem tira da tomada? Carlota! Quando a mãe está na rua e esqueceu algo aceso, ligado, ou fora do lugar em casa, quem resolve? Carlota! E ainda arruma tudo certinho!

Agora, quando Carlota quer comer algo e a mãe não deixa, ela fica irritada! E também quando o som ou a TV estão muito alto. Ah, e também quando mudam as coisas de lugar e não sabem onde está – base, batom, outro batom, celular, *tablet*...

- Cadê minhas coisas? Cadê as minhas coisinhas? - diz Carlota irritada.

Agora, quando um amigo no *zap* não quer conversar, ela não fica só irritada, fica um pouco triste também. Mas explode igual. Aí dá briga no *zap:*

- Ah! Não quer conversar? Então tá bom! Tchau e benção!

Sobre o projeto

Este livro e suas versões em áudio e Libras foi realizado por meio de projeto aprovado na LIC - Lei de Incentivo à Cultura de Balneário Camboriú, Santa Catarina, em 2024. O edital foi proposto e coordenado pela Fundação Cultural e Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú.

A APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais desta cidade foi a proponente, e a equipe envolvida na realização contou com profissionais das áreas de Artes e Comunicação, além de alunos e seus familiares.

Os textos escritos para Histórias Especiais - volume IV foram transcritos conforme registros dos encontros individuais e oficinas coletivas, sendo posteriormente redigidos com pequenas adaptações, mantendo o respeito ao jeito próprio de falar de cada aluno artista e garantindo a sua identidade e integridade na expressão oral da história narrada, resguardada pela linguística no que se refere a oralidade própria de cada indivíduo.

Autores



Evandro dos Santos Brizola



Manoel Bonzon dos Santos



Priscilla Telck



Carolina Bertoline



Matheus Muniz de Oliveira



Ana Carla Demetrio dos Santos

Ilustradores

No Risco

Jorgiane de Souza Pág. 08

Lilian Cristina da Silva Motta Pág. 11

Um menino triste que se tornou feliz

Emerson Matheus Vargas Pág. 13

Diogo Indalêncio Vilela Veiga Pág. 15

Felicidade é ir pra escola

Clarice Pedroso Pág. 18

Alex Gavaza dos Santos Pág. 20

Sementinha de Amor

Ana Caroline Conti Fumes Pág. 24

Terezinha Camilo Pág. 26

Matheus e Simone Amor

Rojane Sallete Souza Pág. 29

Lara da Costa Sens Pág. 31

A história de Carlota

Gabriel Coutinho Andrade Pág. 33

Lucilia Stepp Pág. 35

Presidente da Apae/BC: Margid Rinnert Buckstegge

Direção Geral: Sandra Mara Luchtenberg

Direção Pedagógica: Gleuseli Suzena Kleis Magmanti e Josiane Steil

Coordenação Pedagógica: Luciana Danuza Rosa, Noemi Nazário e Kelly Paula dos Santos

Auxiliar Administrativo: Giovana dos Santos

Coordenação geral, direção artística e oficinas: Luciano Candemil

Oficinas, transcrição e narração de histórias: Bell Bandeira

Diagramação e audiodescrição: Lieza Neves

Ilustração da capa e oficinas de artes visuais: Silvia Teske

Assistente na oficina de artes visuais: Luciano Candemil

Assistência de vídeo e de redes sociais: Felipe Vandresen

Assessoria de imprensa: Thiago Furtado

Fotos: Mariana Castro e Luciano Candemil

Histórias Especiais

Coletânea de Crônicas

Volume IV

Agradecemos a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para a produção deste livro, em especial, aos alunos e alunas da APAE de Balneário Camboriú, bem como toda a equipe administrativa e pedagógica.

Agradecemos também à Fundação Cultural de Balneário Camboriú, por meio da Lei de Incentivo à Cultura do município.

Luciano Candemil
Organizador

Projeto patrocinado por meio do EDITAL LIC/FCBC 013/2023

Lei de Incentivo à Cultura 2024 LIC

PREFEITURA BALNEÁRIO CAMBORIÚ